

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS
PROGRAMA NACIONAL ESCOLA DE GESTORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**

Rosângela Soletti

**CAMINHANDO, CONSTRUINDO E APRENDENDO
COLETIVAMENTE
A Reconstrução do Projeto Político Pedagógico**

Porto Alegre, 2008

Rosângela Soletti

**CAMINHANDO, CONSTRUINDO E APRENDENDO
COLETIVAMENTE
A Reconstrução do Projeto Político Pedagógico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito ao título de especialista em Gestão Escolar, do Programa Nacional de Gestores da Educação Básica/MEC, orientado pela Prof^a Patrícia Souza Marchand

Porto Alegre, 2008

Os novos paradigmas do século XXI definem características completamente diferentes para a sociedade contemporânea levando às escolas demandas também diferenciadas e complexas, considerando sua quase estagnação diante dos avanços tecnológicos e das inovações científicas hoje vivenciadas.

As mudanças na estrutura familiar, no mundo do trabalho e as nocivas conseqüências da destruição do planeta trazem para a escola sujeitos que necessitam de novos e ressignificados olhares pedagógicos e uma ação prática/reflexiva com visão emancipadora delineando um ideal social e educacional específico para cada comunidade escolar.

Os desafios de assumir a gestão de uma escola, neste período, não se limitam ao contexto político-social em que ela está inserida. A micro realidade, seus trabalhadores e a relação institucional com a mantenedora tornam o desafio mais abrangente e difícil.

Nogueira (2002, p 18) traduz teoricamente o diagnóstico da escola quando diz:

Que a escola está em “crise” e em busca de nova identidade é algo consensual. Trata-se de um consenso que aponta para outro: precisamos reformar a escola e o sistema educacional, tanto quanto precisamos de novas políticas e de novos incentivos para a educação. [] mobilizar energias para dinamizar a escola tanto a partir de dentro como a partir de fora.

Diante da realidade encontrada na escola (Escola Estadual de Educação Básica Presidente Roosevelt) fez-se necessário a adoção de práticas interativas, participativas e democráticas, crescentes; movimentos dinâmicos e globais no processo organizacional e nas relações institucionais; maior acuidade social no relacionamento com os sujeitos da comunidade; qualificação no processo de formação e de comunicação; ampliar o exercício de escuta, acompanhamento e retorno no cotidiano escolar; aprimorar as práticas pedagógicas para reverter as estatísticas negativas do sucesso escolar.

Os movimentos didático-pedagógicos complementados pelos administrativo-financeiros vão formando a tecedura da gestão, que busca permanentemente a transparência e a democracia, numa construção coletiva e solidária. Na dialética do movimento, questionamentos, críticas, conflitos, naturais deste processo. Movidos pela certeza de que a autonomia da escola é um conquista fundamental para sua qualidade social e que o projeto político pedagógico é pressuposto para a tão almejada autonomia, pomo-nos a (re)construir o projeto político pedagógico.

O artigo registra o fazer pedagógico da caminhada que estamos realizando, enquanto aprendemos. Vislumbra os permanentes e os novos desafios por nós mesmos criados no andar do processo, da reconstrução do projeto político pedagógico.

Na certeza de que esta é uma obra que nunca se acaba, nossa realização toma concretude no constante semear, fazer brotar, ver nascer que alimentam a caminhada, a esperança, rumo ao sucesso.

Construir aprendendo o quê?

O diagnóstico realizado aliado ao compromisso de resgatar a participação da comunidade escolar, dentro dos valores destacados pela filosofia da escola levou-nos a assumir a reconstrução do projeto político pedagógico, coletiva e solidariamente. Esta construção acontece em meio ao enfrentamento de problemas estruturais: físicos, financeiros, de provimento e formação de recursos humanos. Das conseqüências diretas geradas pela insegurança pública vivida pela sociedade. A firme determinação na busca de uma educação emancipadora, humanista e pluralista nos envolve e nos impulsiona na caminhada, enquanto construímos um espaço pedagógico de referência educacional, com a participação de todos os segmentos da comunidade: pais, alunos, professores e funcionários.

Quem caminha? Onde e como caminha?

A escola, em Porto Alegre, possui mil e quinhentos alunos que estudam nos três turnos, do Maternal ao Ensino Médio Regular e EJA (Educação de Jovens e Adultos). A maioria dos alunos da Educação Infantil até a 8ª série do Ensino Fundamental moram no bairro Menino Deus, bairro onde situa-se a escola. Já os alunos do Ensino Médio Regular e da EJA provem de diferentes bairros.

A distorção idade/série não é significativa - dezoito dos trezentos e cinquenta e seis alunos do maternal à 4ª série, mas ela existe e é preocupante.

Uma bonita e importante característica a ser registrada sobre os alunos da escola é que um número considerável de alunos que ingressam na escola na Educação Infantil e saem apenas ao concluírem o Ensino Médio. Destacamos ainda o sucesso de muitos alunos no vestibular, ao saírem da escola.

Somos em oitenta e um profissionais, sendo: cinquenta e sete professores em sala de aula, um na biblioteca, dois afastados (licença), três na coordenação pedagógica e dois na direção (diretora e vice-diretora), um no setor de pessoal e um no administrativo; onze funcionários nos diversos setores (limpeza, merenda, secretaria, monitoria e biblioteca) e duas orientadoras educacionais (uma em licença). A ampla maioria dos docentes possui habilitação plena, alguns especialização e poucos com mestrado. Quanto ao ingresso temos, nomeados, contratados e convocados. O elevado número de contratos/convocações torna, no mínimo, inseguro o início de cada ano letivo

No organograma da escola temos:

- a) o Conselho Escolar composto por pais, alunos, professores e funcionários, eleitos por seus pares de dois em dois anos. Este conselho reúne-se mensalmente e extraordinariamente, sempre que necessário, pois tem função, consultiva, deliberativa, fiscalizadora e mobilizadora. Nele a diretora é membro nato e a presidência é definida entre os conselheiros.
- b) o CPM (Círculo de Pais e Mestres) integrado por pais e professores eleitos pelos respectivos segmentos, de dois em dois anos. A diretora também é membro nato. A presidência e os demais cargos/funções são definidos na própria eleição. Este grupo participa da vida cotidiana da escola e é responsável pelo destino dos recursos recebidos pela escola através do Governo Federal e de sua respectiva prestação de contas.
- c) o Grêmio Estudantil composto por alunos matriculados na escola eleitos a cada dois anos. Dos três grupos este é que está em processo de eleição.

As cinquenta e uma turmas estudam em três prédios diferentes. Um pequeno, com três salas de aula onde estudam alunos do Maternal, do Jardim A e do B. Outro onde estudam alunos das séries iniciais até a 4ª série e no turno da manhã duas 5ª séries. No prédio central os demais alunos. Nele estão também a biblioteca, o laboratório de Ciências e o de Informática (sem professor), o auditório, o refeitório e a cozinha, a secretaria, a sala da orientação, a da coordenação pedagógica, a dos professores e da direção e vice. Os dois prédios maiores possuem dois andares. O espaço físico ainda oferece: duas pracinhas, uma para alunos do maternal e do jardim A e outra para alunos do jardim B e do 1º ano do Ensino Fundamental de 9 anos; quatro

canchas para a prática de esportes: futsal, vôlei e basquete; duas pequenas áreas cobertas; um bar e um pátio com muitas árvores.

O ano letivo está estruturado trimestralmente. A média de aprovação é sessenta, sendo que o último trimestre tem peso dois. A EJA tem matrícula anual com possibilidade de avançar concluídos os primeiros cem dias de aula.

Movida pela filosofia da escola:

Buscar constantemente o aprimoramento cultural e melhorar condições de integração, auto-conhecimento, qualidade, equilíbrio, solidariedade, consciência crítico-social do indivíduo preparando-o para a construção de uma comunidade mais justa, democrática e transformadora. (Regimento Escolar, Escola Estadual de Educação Básica presidente Roosevelt, 2007).

Pela convicção de que mudar é possível e pelo compromisso de resgatar a humanidade nas relações estabelecidas na comunidade escolar, como também o cuidado com as pessoas e o patrimônio, um grupo de professores lançou uma proposta para a direção da escola – diretora e uma vice para cada turno. Pais, alunos, professores e funcionários apostaram.

A comunidade escolar, quando assumimos, ressentia-se da presença da diretora e questionava o distanciamento nas decisões administrativas e pedagógicas. Os colegas “reclamavam” equidade de tratamento, limites comportamentais e mais diálogo para resolver conflitos. Os índices de evasão e de repetência eram alarmantes.

Evidenciava-se, assim, a necessidade da adoção de diferentes mecanismos de gestão. Considerando-se ainda que a implementação do projeto político pedagógico da escola, na gestão passada, dilacerou relações, dividiu o grupo docente e não envolveu da melhor forma o conjunto da comunidade escolar, entendemos ser a concretude do projeto político pedagógico o objeto central do projeto intervenção, contextualizada numa nova dinâmica organizacional. Isto requer ousadia, coragem e competência.

Competência entendida como a capacidade de mobilizar conhecimentos em situações complexas, nas quais é preciso tomar decisões e resolver problemas, com rapidez e segurança. Este o dilema atual: recriar soluções mobilizadoras de forças sociais capazes de resolver o processo de exclusão social e escolar. (FESTER, 2006, s/ p).

Esta afirmação com a qual compactuo, ainda não é a realidade que vivencio como gestora, mas uma busca constante.

A realidade da comunidade por mim conhecida e com muitas idéias em mente, parecia ser tão fácil planejar e agir. Porém, um “dominó de problemas” foi surgindo, atropelando encaminhamentos, invertendo a lógica dos fatos: falta de professores e funcionários, problemas na estrutura do prédio (instalação hidráulica e elétrica, esgoto) e na organização interna da escola, ausência de uma estrutura familiar com quem a escola pudesse dividir encaminhamentos de alunos com dificuldades e com problemas psicossociais. Diferentes ações foram se concretizando, planejadas ou não, ora articuladas, ora focalizadas, configurando-se uma tecedura pedagógica-administrativa com nuances de “inovação” e de repise. Pômo-nos, então, a caminhar, a construir e a aprender coletivamente. A própria caminhada vai nos nutrindo na convivência cotidiana do dinâmico movimento de construção pedagógica.

A reconstrução do projeto passou e ainda passa, na minha escola, por movimentos dinâmicos, como:

- a) a organização dos diferentes segmentos – pais, alunos (Grêmio Estudantil), professores (Grêmio de Professores) e funcionários, individualmente e, com eles, o conselho escolar e o CPM (Círculo de Pais e Mestres);
- b) a promoção de atividades que aproximem os pais da escola – festas, reuniões, exposição/apresentação de trabalhos dos alunos e entrega de avaliações;
- c) a mobilização dos discentes nos esportes, em datas cívico-sociais, em atividades culturais e lúdicas;
- d) a formação contínua dos trabalhadores em educação (momentos de debate sobre determinados temas, como avaliação e práticas pedagógicas, através de palestras na escola e atividades formativas fora dela, envolvendo todo o corpo docente ou parte dele conforme o assunto;
- e) a revitalização do currículo, concebido como a vida da escola e não apenas uma listagem de conteúdos ou conceitos a serem trabalhados;
- f) a adoção de práticas interativas e democráticas, num processo coletivo e solidário, com a devida contextualização da realidade.

Passa também por uma avaliação institucional onde todos os segmentos da comunidade escolar têm oportunidade de se manifestar sobre o processo em andamento: sugerir, criticar, apontar saídas para os problemas apresentados, uma vivência até então muito, pouco experimentada na escola. É interessante destacar, a escola não tem a prática de avaliar suas ações: gincana, reunião, entrega de avaliações. Comentários na sala dos professores, de um grupo sobre

outro, onde às vezes alguém “cochicha” para a vice-direção. As coisas vão acontecendo sem que se possam concluir ciclos e retomá-los ou iniciar novos, conforme a caminhada. Esta característica de funcionamento do grupo e de gestão deixou seqüelas no processo político pedagógico.

O projeto político pedagógico, segundo Ilma Passos Alencastro Veiga, tem sido alvo de estudos na “busca da melhoria da qualidade de ensino”. Sua construção confunde-se com a “organização do trabalho pedagógico da escola como um todo” (VEIGA, 1995, p.01). Na travessia que estamos fazendo, ratificamos tal afirmação. É a escola o lugar privilegiado para conceber, realizar e avaliar o projeto educativo, já que planejamos partindo da realidade da comunidade escolar.

“Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro, quebra-se um estado confortável para arriscar-se”. (VEIGA, 1995, p. 01, *apud* GADOTTI, 1994).

Sementes do trabalho coletivo foram lançadas para resgatar a participação e tornar a nossa escola uma referência na superação do insucesso – evasão e repetência. A transparência e o respeito aos segmentos escolares se concretizam aos poucos, no fazer pedagógico. Impõem-se a necessidade de perseguir permanentemente a participação e torná-la pública. Diferentes movimentos desse chamamento passam despercebidos pela comunidade. No entanto ela subjaz o processo democrático. Vivemos os conflitos de rupturas realizadas e a insegurança na construção do novo, sem chance de cópia.

Um misto de vontade, medo e força nos invade na tarefa de coordenar a comunidade que possui uma herança histórica instituída e, com ela, almejar e experimentar o novo. Nesta ótica de gestão as demandas aumentam geometricamente, como numa imensa espiral ascendente, envolvendo cada vez mais os sujeitos (pais, alunos, professores e funcionários) desse processo. Estes, na participação, evoluem, multiplicam suas aspirações e na interação criam novas necessidades. Exatamente como nos diz PÖRTNER “nutrir do próprio movimento do conhecimento sentido para si mesmo” e avançar. “Gerir é rodar com essa ciranda de sentidos, ser afetado por essa circulação e afetar por ressonância ou contágio a roda ou esfera ou curva seguinte” (PÖRTNER, 2007, p.01).

Reconstruir o projeto político pedagógico implica em refletir sobre a prática pedagógica, o ato de aprender, o currículo, a participação, a democracia da gestão, os sujeitos do processo, a formação dos trabalhadores em educação, as condições de trabalho, a própria função social da escola, os movimentos endógenos e os exógenos estabelecidos pela escola. É um micro universo,

denso e dinâmico. Acredito que os movimentos que realizamos estejam interagindo com todos estes fatores, mais intensamente, com alguns e menos com outros. O desafio vai ganhando corpo e importância.

A avaliação institucional, realizada no final do ano passado, sintetiza pequenos avanços na organização da escola, melhor estrutura de trabalho, mais acolhimento, harmonia, presença constante da direção, reconhecimento do trabalho dos professores, merenda de qualidade, com mais frutas e verduras, mais controle e acompanhamento dos alunos. Os aspectos questionados foram: limpeza da escola, condições físicas do prédio, atualização do acervo bibliográfico, itens do cardápio da merenda, comunicação – com muitas falhas, atuação de alguns professores, atendimento da secretaria, alunos e pais não se sentem sujeitos, alegando não participarem das decisões. Os resultados finais continuam preocupantes, pequenas alterações não podem ser ainda festejadas.

Os últimos itens destacados não nos impedem de comemorarmos progresso no processo coletivo. Concluímos o ano de 2007 com mais pessoas participando da construção de uma gestão democrática e transparente. O Conselho Escolar e o CPM reorganizaram-se e dinamizaram-se através dos respectivos processos eleitorais. O Grêmio Estudantil está em processo de organização. Os líderes de turma foram periodicamente reunidos no ano passado, ouviram explicações e foram ouvidos (mesmo alegando ainda que “falta compromisso com os alunos” – avaliação), participaram de conselhos de classe e devolveram para suas respectivas turmas a análise feita, foram preponderantes em determinados encaminhamentos com professores.

Os professores são “acariciados”; recebem bombom ou similar junto de um pensamento na abertura de reuniões e em momentos como o dia das mães. Eles têm oportunidade de participar de reuniões melhor preparadas, contemplando temas por eles sugeridos; momentos de confraternização; apoio em iniciativas pedagógicas; respaldo sempre que foram acusados injustamente pela comunidade escolar. Melhores condições de trabalho, material didático solicitado, vem sendo providenciado, na medida do possível. Também está se realizando o acompanhamento pela direção, orientação ou coordenação pedagógica de alunos e turmas que apresentaram algum tipo de problema ou dificuldade, inclusive com a devida participação dos pais. Amplia-se, lentamente, o horizonte concreto de atuação dos profissionais.

Para melhor êxito do trabalho e a melhoria do desempenho individual e coletivo, muito diálogo com os professores e funcionários. Na pauta, a prática pedagógica, assiduidade,

avaliação, explicações dadas, esclarecimentos sobre possíveis equívocos de entendimentos a partir da atuação na escola. Diálogos, por vezes feitos, com a presença da orientadora educacional, coordenação pedagógica e direção.

Com relação aos funcionários de escola, procedimentos parecidos foram adotados: melhores condições de trabalho; material, produto e equipamentos adequados; participação na definição dos produtos, alimentos a serem comprados, na forma de cumprir o horário e na definição das atividades específicas de cada um, em reuniões com o grupo de determinado setor, com todos ao mesmo tempo ou individualmente, Os momentos de formação dos funcionários não foram tão intensos como os dos professores. A integração entre professores e funcionários ainda é muito tímida.

Os pais foram chamados em diferentes momentos na escola. Nem sempre acolheram. A reunião no início do ano letivo pautou a aprovação do calendário, as regras de convivência, a socialização dos melhoramentos feitos na escola e a oportunidade para sugestões e ou críticas. Após, em reuniões pré-agendadas (calendário) para entrega de boletins com apresentações de trabalhos dos alunos e para momentos de formação. Individualmente sempre que se fizer necessário, em virtude de problemas de disciplina, aproveitamento ou assiduidade. Em alguns momentos o chamamento ocorre por turma, exemplo: pais da 5ª série. Há que se destacar que, muitas vezes, fomos pautados por pais, que solicitaram reunião para esclarecimentos de determinadas ocorrências com seus filhos ou com colegas de sala de aula e sobre comportamentos e atitudes de professores.

A participação, na escola e da escola, componente natural de um processo democrático precisa ser alimentada quotidianamente, especialmente em considerando o aluno, parte integrante deste processo. Lembrando, oportunamente Lucas (A formação contínua como um dos elementos organizadores do projeto político-pedagógico da escola. Vídeo - Salto para o Futuro, 2008), quando diz que “o ato de participar não necessariamente implica que será bom, mas sempre terá que ser assegurado dentro de uma gestão democrática e na implementação de um projeto político pedagógico”. Chamar à participação é mais do que convocar uma reunião. É oportunizar um ambiente escolar organizado e limpo – na medida do possível; criar condições de participação, através de formação ou socialização de informações para que a opinião ou decisão seja mais adequada a situação; ouvir os diferentes sujeitos, contextualizar as falas e os acontecimentos e garantir transparência. A participação, por sua vez, está intrinsecamente relacionada com a

gestão. A atmosfera vivida na escola é definida pelas inter-relações estabelecidas entre os integrantes da comunidade escolar. Pode parecer um sonho, mas temos a ousadia de querer aproximar as pessoas – sujeitos da comunidade escolar, em torno de possibilidades e de esperanças.

Os movimentos acima citados estão sendo implementados, em 2008, com mais qualificação e firmeza, após avaliação feita no final do ano passado.

Outro movimento do processo pedagógico está relacionado com as atividades culturais, esportivas e educacionais do conjunto da comunidade escolar. São os sábados letivos e outros onde os pais são chamados a interagir com seus filhos, na escola. Algumas destas atividades são realizadas apenas com os alunos: passeios, teatro, jogos, participação em olimpíadas (Matemática, Português esta a partir de 2008), no “Vivaleitura”, no programa “Crianças do Rio Grande Escrevendo Histórias”, no simulado para os 3º anos do Ensino Médio, em campanhas da escola ou de outras organizações.

Este ano a escola está participando dos jogos coletivos dos JERGS (Jogos Estaduais do Rio Grande do Sul) e dos Jogos Abertos de Porto Alegre, com times masculinos e femininos, o que representa um grande avanço dentro do processo de organização, disciplina e construção coletiva. Temos uma história, e muito bonita por sinal, da participação no atletismo. Para estimular os participantes estamos buscando patrocínio para as camisetas dos respectivos times.

O Grêmio Literário Castro Alves localizado no mesmo bairro da escola completou 50 anos e nos convidou para participarmos de uma Gincana Literária. Com a ajuda das professoras de Literatura e da Coordenação Pedagógica marcamos presença nesta atividade onde também foi lembrado nossos 90 anos de comunidade escolar. Acompanhei alunos do noturno, especialmente da EJA (Educação de Jovens e Adultos), no lançamento de uma coletânea de poesias em homenagem aos 50 anos do Grêmio Literário. A oportunidade de conversar com poetas, ouvi-los declamar, buscar seus autógrafos, assistir a um coral, participar do coquetel foi uma experiência maravilhosa, para os alunos e para mim, pessoalmente e como gestora. Interagir com os alunos em outro ambiente, com outros sujeitos, dentro de uma proposta pedagógica de estimular o gosto pela poesia é indescritível. Um reforço às atividades de sala de aula, assim como o foi o encerramento desta gincana, com os nossos alunos declamando, cantando, representando, em pleno sábado à tarde, sem ser esse um dia letivo.

As atividades fora de sala de aula nos dão liberdade de diálogo, de ser e agir, do fazer pedagógico sem as amarras de um modelo estático de vivência escolar. Os resultados são surpreendentes. No ano passado resolvemos resgatar a festa de São João, no pátio da escola, com tendas de comidas, bebidas e muitas brincadeiras. A arrecadação nos permitiu adquirir um data show. As iniciativas de uso pelos professores começaram tímidas. Já neste ano o agendamento é grande para momentos lúdicos, de estudo, debates e reflexões, com alunos e com professores, funcionários nas reuniões. Ficamos comprometidos em organizar uma festa melhor ainda neste ano, pois as pretensões aumentaram. A lista de compra de novos equipamentos e material para a escola cresceu ao nos colocarmos à escuta da comunidade. A festa, apesar do mau tempo, surpreendeu. Realizaremos muitas compras.

O caminhar e experimentar permanente nos encorajam para alçarmos novos vãos pedagógicos. Uma de nossas professoras ousou buscando numa relação externa melhorar as condições do laboratório de ciências para vivenciar uma nova experiência com alunos do ensino médio na disciplina de Biologia. Em 2005 começou o projeto “Ciência na Escola: os princípios da Ecologia profunda através do estudo dos insetos e do meio ambiente” com uma pesquisa. Em 2006 a coleta e em 2007 a catalogação e a prática. Até 2006 o trabalho da professora em parceria com a FEPAGRO (Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária), restringia-se a alunos do médio em turno inverso ao seu de estudo. Já no ano passado, os alunos dos projetos passaram a interagir com alunos das séries iniciais, numa interação maravilhosa e surpreendente. Por dois anos consecutivos participamos do Salão do Jovem Cientista, na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Em 2008 a ousadia se amplia. Manteremos o projeto com turmas que ainda não o vivenciaram e iniciaremos uma nova edição do projeto “Princípios da Ecologia profunda: os modelos da natureza para uma vida sustentável”, com a participação da Comunidade Indígena Kaingang do Morro do Osso. Um novo enfoque na proteção ambiental e mais um esforço na tentativa de criar novos paradigmas de observação e cuidado com a natureza.

O esforço para se criar um ambiente saudável e agradável de se trabalhar e estudar, como nos dizia o Mestre Paulo Freire, para se tornar uma referência educacional, com visão humanista e consciência planetária não pode ofuscar os problemas que ainda precisam ser superados.

Reconhecemos que o relevante movimento de construção pedagógica envolvendo a comunidade para, a partir dela e com ela, qualificar ainda mais o processo ensino-aprendizagem,

torná-lo mais atraente e dinâmico continua sendo uma busca incessante. Não conseguimos atingir os alunos e os pais de forma mais significativa. Isso, com certeza, pode também explicar o porquê desses segmentos escolares ainda não se sentirem sujeitos do processo, segundo revelou a avaliação institucional. Refletindo sobre o processo acredito que estejamos falhando na divulgação do que é feito e na forma como os sujeitos são envolvidos. É bem verdade que a distração, a indiferença e até mesmo a desconstituição dos fatos considerados irrelevantes pelos estudantes, dificulta o reconhecimento e o avanço do processo coletivo. O que “vale nota” tem importância. Uma longa caminhada ainda precisa ser feita para dar concretude a solidariedade e ao voluntariado. Faz parte do processo em construção.

No ano passado propomos atividades apenas internas à escola no dia da solidariedade (Lei Estadual – dia letivo exigido pela mantenedora): limpeza, pintura e organização. Neste ano ampliamos o leque de atuação envolvendo alunos em atividades no bairro, como: panfletagem nas sinaleiras próximas da escola sobre a dengue e seus cuidados (o mosquito da dengue foi encontrado em nosso bairro); visitamos os estabelecimentos comerciais divulgando a campanha “Pinte esta escola que também é sua - Roosevelt 90 anos construindo educação”; recolhemos materiais recicláveis: óleo de cozinha, latinhas, garrafas pet e pilhas; pintura interna do muro e limpeza de classes com a participação de pais, alunos, professores e funcionários. Apresentamos para o conjunto da comunidade atletas de diferentes esportes que se destacaram, com a exposição de medalhas e troféus conquistados. Alguns deles vieram acompanhados de seus instrutores e fizeram demonstrações. Divulgamos os alunos que representarão a escola nos JERGS e nos Jogos Abertos de Porto Alegre. Objetivamos com isso estimular mais alunos a aproveitarem de forma saudável seu tempo livre.

Recebemos uma homenagem do “Lions Club Menino Deus” pelo trabalho desenvolvido na campanha pela paz mundial. Nesta décima segunda edição cinco escolas do bairro participaram. Pela sétima vez o desenho de uma de nossas alunas é destacado para concorrer nas próximas etapas do concurso. Recebemos deles também a primeira homenagem pelos 90 anos da escola. Num outro momento, reunimos ex-alunos, ex-professores e ex-diretores para nos ajudarem no resgate histórico da nossa comunidade escolar e na melhoria do que hoje temos e oferecemos na escola. Tivemos, no mesmo dia a participação do Hospital Mãe de Deus na campanha de combate a hipertensão infantil, renovando a parceria com eles estabelecida no ano passado. As atividades foram planejadas com o objetivo de aprofundar a consciência planetária, a

importância e os benefícios de uma vida saudável e o esforço coletivo para conquistar um espaço de estudo e de trabalho mais prazeroso, bonito e agradável.

A comunidade escolar é exigente, quer mobilização e ação, pede resultados, participa quando contagiada. Precisa ser chamada. É o que estamos fazendo. O direito subjetivo à educação que chega à escola com as enormes demandas da sociedade contemporânea, se contrapõem com a estrutura precarizada da escola, dentro da concepção de estado mínimo apregoada pelo atual governo. Como fazer o aluno sentir-se um “participante do mundo”, consciente de seus direitos e deveres se para muitos deles a escola não passa de um ponto de encontro para trocas, nem sempre lícitas, se a participação dos pais é uma conquista extremamente difícil, pois alegam não ter tempo, se temos professores displicentes, resistentes a mudanças? Ratificando a cada dia, a grande demanda social que recai sobre a escola, num período de mudança de paradigmas e do próprio significado da educação, estamos dinamizando o currículo, criando espaços pedagógicos alternativos que venham somar-se ao da sala de aula.

Iniciamos este ano letivo com todos alunos realizando a mesma tarefa reflexiva, nos três turnos de funcionamento da escola: debate e construção dos direitos e deveres e, das normas de convivência na escola. Esse debate foi levado para as reuniões de pais onde foi aprovado. Concluída a escolha dos representantes de turma, em todas as salas de aula foram fixadas as normas de convivência juntamente com os nomes dos respectivos representantes e do professor conselheiro, escolhido após debate organizado pela orientação educacional e pela coordenação pedagógica. Por solicitação dos pais as normas foram fixadas, também, no saguão da escola, assim como, o calendário escolar aprovado pela CRE/SE (Coordenadoria Regional de Educação/Secretaria Estadual de Educação). Em local visível os pais, alunos e professores podem conferir o cardápio da merenda escolar, que é oferecida diariamente. Os alunos possuem um mural com dicas de estágios remunerados, cursos alternativos, atividades esclarecedoras sobre cursos universitários e outras. Essas medidas foram adotadas na perspectiva de melhorar a comunicação e socializar as informações criando oportunidades de participação, na escola e fora dela. Um diferencial em relação ao ano passado.

A educação escolar é uma dimensão fundante da cidadania e tal princípio é indispensável para a participação em todos os espaços sociais e políticos e (re)inserção qualificada no mundo profissional do trabalho (CURY, 2005, p.01)

O autor mostra a relação dialógica entre a participação social e o projeto político pedagógico. Construir o projeto, “a carta de intenções”, segundo Alexandre de Paula Franco (A

formação contínua como um dos elementos organizadores do projeto político-pedagógico da escola. Parte 1. Vídeo - Salto para o Futuro, 2008), entre a comunidade/pais e a escola/professores é trabalhar as práticas pedagógicas e conseqüentemente, a avaliação. Iniciamos o ano investindo neste tema: debates, palestras, leituras de textos, alterações nos procedimentos e registros de avaliação, em reuniões pedagógicas e de formação melhor preparadas, levando em conta as solicitações feitas pelos docentes. Estamos facilitando a participação de professores em diferentes atividades de formação promovidas por editoras e algumas timidamente organizadas pela Coordenadoria de Educação. Procuramos vincular “a história de vida à formação cultural e pedagógica” dos professores, seguindo uma das dicas da Nalu Rosa (A formação contínua como um dos elementos organizadores do projeto político-pedagógico da escola. Parte 1. Vídeo - Salto para o Futuro, 2008) com o objetivo de consolidar efetivos canais de participação. As leituras e os debates do Curso de Especialização e Gestão Escolar estão contribuindo e orientando esta construção.

A qualidade social da construção do conhecimento está intrinsecamente ligada ao exercício consciente da cidadania. A escolarização é regra para o mercado de trabalho e a educação decisiva na conquista dos direitos sociais. Daí a importância do projeto político pedagógico – “a carteira de identidade” da escola, segundo CURY (2005, p.09). As atividades extracurriculares, planejadas ou aproveitando oportunidades oferecidas pela sociedade organizada, acontecem ao longo do ano letivo com o respaldo da direção e a participação de pais que acompanham, na medida do possível, os alunos junto com os professores.

Os autores citados Cury, Pörtner, Gadotti, Veiga e Fester nos conduzem há um sólido trabalho com o conjunto da comunidade escolar. A qualificação está diretamente vinculada a participação social. Os movimentos que estamos fazendo nesta direção se concretizam, também: com uma maior organização na hora da entrada nos diferentes turnos, quando os pais dos menores estão na escola acompanhando os movimentos de seu filho, dos colegas, das professoras e da direção, com eles interagindo; promovendo momentos que alteram a rotina de sala de aula, com atividades diferentes, em diferentes espaços da escola; quando pais ajudam na organização da sala de aula, pintando-a, arrumando material, trazendo sugestões de atividades e acompanhando-as (os pais estão contribuindo na melhoria das salas de aula da Educação Infantil).

No final do primeiro ano de gestão concluímos que era preciso refletir sobre as conexões entre os fatos e os sujeitos reais, sermos mais enfáticos nos encaminhamentos organizacionais, disciplinados na formação, conscientes do processo coletivo e das dificuldades de sua implementação e comprometidos com a transformação social. Segundo PÖRTNER (2007) o cuidado que temos de ter é grande para não alinhar o movimento educacional que circula e evolui constantemente. Este é o caminho que está sendo percorrido. Por isso a definição das normas de convivência coletivamente. A implementação das mesmas está nos permitindo enfrentar de forma mais adequada o ajuste dos horários, impondo limites, controlando a disciplina e aumentando o tempo de estudo.

Acreditamos na desafiadora caminhada que estamos realizando. Diante do quadro multifacetado da realidade educacional, não queremos apenas divulgar “melhores” índices de aprovação, mas mais qualidade de vida experimentada na escola. Encurtar a distância entre o real que se apresenta e o ideal que intencionamos. Pensando nisso, estamos oportunizando escolinha de futsal para alunos do ensino fundamental, no turno inverso. A vaga, disputadíssima, está vinculada ao comportamento e a participação em aula. Transformamos um dos estágios de Educação Física em aulas de capoeira, devidamente acompanhada pelo supervisor de estágio da universidade, também no turno inverso ao da aula. As horas de voluntariado dos estagiários de Matemática estão acontecendo em reforço de Matemática no laboratório de informática, para sextas, sétimas e oitavas séries, no turno que não têm aula. Com a liberação das quatro salas de aula interditadas no ano passado, estamos resgatando a sala de multimídia para as turmas do ensino fundamental nas séries iniciais: TV, DVD, vídeo, jogos à disposição de alunos e professores para qualificar as aulas. Essa sala também está contando com doações de pais para melhorá-la (tapete, almofadas, jogos, vídeos). Já para os alunos do Ensino Fundamental das séries finais e os do Ensino Médio, do diurno, foi resgatado o mini-auditório, como um espaço alternativo, para uma aula diferente. No ano passado era uma sala de aula. Os alunos do noturno ainda não possuem esta alternativa, pois todas as salas estão lotadas de alunos. Ações articuladas, centradas na qualificação do processo ensino aprendizagem e, porque não dizer, em processos socioeducativos.

A passagem da quarta série, unidocente, para quinta série apresentava-se traumática, com problemas de organização, aprendizagem e disciplina. Após uma boa reflexão sobre os fatos ocorridos e ter ouvido a fala dos pais, dos professores, da orientação e coordenação pedagógica, a

direção optou por um trabalho de acompanhamento das turmas de quinta série em funcionamento neste ano. Orientação educacional e coordenação pedagógica trabalham, semanalmente com os alunos, articuladas com os professores das respectivas turmas. Iniciamos o processo com os pais, em reunião específica para colocá-los a par do trabalho que seria feito, bem como de dividirmos com eles a responsabilidade do acompanhamento e do apoio. Ao longo do processo estamos constatamos uma relação mais harmoniosa do que a do ano passado, com maior possibilidade de sucesso.

No final do primeiro trimestre, fizemos no conselho de classe uma avaliação e concluímos que as turmas da manhã terão o acompanhamento mais distanciado enquanto que a turma da tarde ainda precisa manter a mesma periodicidade. Na entrega das avaliações, os pais são também serão comunicados.

A reunião com os pais, realizada no início do ano letivo de 2007, trouxe-nos a preocupação com a segurança – o controle de quem entra na escola. Uma das alternativas apresentadas foi de uniformizar os alunos. Como isto não é possível, levantou-se a possibilidade ter uma camiseta diferente para que os alunos quisessem usá-la e assim mais facilmente conquistar sua universalização. Contamos com o trabalho voluntário de uma tia de alunos da escola que realizou uma pesquisa e nos trouxe várias sugestões. Alunos, professores, funcionários e alguns pais analisaram e opinaram. Juntando as diferentes contribuições aprovamos a nova marca das camisetas, abrigos e bermudas. Iniciamos este ano colocando-os à disposição da comunidade escolar.

O auditório, no contexto de qualificar a infra-estrutura oferecida para quem trabalha e para quem procura nossa escola, está passando por pequenos reparos para melhor atender nossa comunidade escolar e as demandas dos festejos dos 90 anos, dentro do planejamento coletivo dos investimentos dos recursos repassados para a escola.

CURY (2005, p.10), mais uma vez, ilumina nossa reflexão quando diz que “a gestão democrática implica o diálogo como forma superior de encontro das pessoas e soluções dos conflitos”. O diálogo está pautando as relações internas e externas na escola. Estamos trabalhando coletivamente, CPM, Conselho Escolar e direção, na busca de alternativas para pintarmos a escola e para aproximarmos os pais do cotidiano escolar. A reconquista da credibilidade passa por transparência, democracia e respeito. A prestação de contas, é feita ao Conselho Escolar e ao CPM, trimestralmente. Os integrantes analisam detalhadamente os

documentos antes do parecer final, após, discutem a proposta trazida pela direção de como investir os recursos no próximo trimestre. Essa proposta nasce do diálogo permanente com os professores e funcionários, com pais e alunos. Os conselheiros opinam, acrescentam, alteram, se necessário. Substituímos as reuniões formais de assinaturas por um caloroso debate e apreciação do trabalho realizado. A síntese da prestação de contas é exposta na sala dos professores e no saguão da escola.

O diálogo pauta as relações internas. Toda ocorrência de indisciplina, falta de alunos em aula, alunos que “somem” durante o turno, que são retirados de sala de aula por estarem inviabilizando o trabalho, ou de violência são tratados a partir do diálogo com os envolvidos. Chama-se os pais, conforme a situação. Implementa-se o que foi estabelecido nas normas disciplinares. Também é o diálogo o ponto de partida para qualquer esclarecimento que se fizer necessário, com funcionários e professores.

A escola é um ponto de referência na construção do conhecimento, de encontros, trocas e relações. As pessoas que a procuram, mesmo com o senso comum do “aprender”, o fazem com diferentes objetivos. Somos desafiados a canalizá-los para o melhor. Os desafios são permanentes. Um deles, neste ano, é a eleição do Grêmio Estudantil, cujo processo iniciou com a escolha dos representantes de turma. Estamos há mais de uma década sem Grêmio Estudantil. O tempo real da escolha dos representantes de turma e dos professores conselheiros, neste ano, foi maior do que esperávamos. Estamos discutindo o processo de escolha utilizado. A conclusão do mesmo se deu em época de provas. Assim, as reuniões em preparação à eleição do Grêmio Estudantil iniciaram somente em junho. Os líderes foram reunidos para serem preparados a participar do Conselho de Classe. Aliás, um ponto de dissensão no grupo diretivo. Na preparação do conselho de classe consensuamos a participação dos alunos, por diferentes razões. Divergimos, no grupo da direção, coordenação e orientação, na leitura sobre a participação dos alunos no processo ensino aprendizagem.

A formação dos professores é um dos movimentos fundamentais implementados pela direção/coordenação pedagógica/orientação escolar. Impossível repensar o papel da escola, sua organização e os atores que a compõem sem vincular tal estratégia a uma proposta de formação contínua. No ano passado tivemos três seminários onde refletimos sobre a avaliação e seus resultados, com todo o corpo docente. Professores do afeto (educação infantil) e das séries iniciais do ensino fundamental participaram de encontros semanais, sendo que alguns deles com

palestrantes. Os educadores da EJA também possuem sua formação específica. Neste ano organizamos um calendário com momentos de formação para o coletivo e outros para grupos específicos, por níveis de ensino, área de atuação ou por turma/série/ano. O debate está centrado nas práticas pedagógicas para, a partir delas, discutirmos como avaliamos os nossos alunos e como deveríamos avaliar. A qualidade dos instrumentos usados, abrangência, considerações interdisciplinares e a forma de devolver para o aluno o que este revelou saber e o que demonstrou ter dificuldade. Como mediar ao invés de classificar? No final de cada trimestre faz-se necessário uma parada para reflexão e análise dos passos dados e as possíveis mudanças de rota para avançar no pensar e no fazer pedagógico.

As professoras que trabalham com os primeiros anos do Ensino Fundamental de nove anos também recebem um tratamento especial da coordenação pedagógica, considerando ser o segundo ano que oferecemos esta matrícula.

As professoras novas na escola foram reunidas para esclarecimentos e orientações. Estão sendo acompanhadas pela coordenação pedagógica, nos três turnos de funcionamento da escola.

Os funcionários são convidados em momentos gerais e outros mais específicos, conforme o setor de atuação.

A reunião de avaliação que fizemos com o grupo diretivo foi importante para convergirmos, ainda mais, nos pontos consensuais e aproveitarmos, criativamente, nossas divergências. O grupo se colocou na caminhada, aberto e confiante nas suas possibilidades e nas possibilidades apresentadas pela comunidade escolar. Elucidamos, um pouco mais, a visão e a prática pedagógica pensada por cada integrante do grupo diretivo e defendida pelo grupo. O poder se abre ao diálogo mais solidário e transparentemente. Estamos estabelecendo melhores diálogos, externando as diferenças, nos ajudando para superar as dificuldades coletivamente, e não apenas de forma individualizada. Avançamos e o grupo dos trabalhadores em educação reconhece a união, valorizando-a. A tarefa de manter o grupo unido é difícil pela forte personalidade de cada integrante.

A consolidação do grupo se dá com esforço, é verdade. Transito por todos os setores, sento com cada um para ouvir, levar sugestões, marco encontros/reuniões, socializo textos, divido preocupações, peço ajuda, vou ao encontro. Experimento o “fazer brotar”, “fazer nascer”, conforme nos diz a raiz etimológica da palavra gestão. Procuro manter abertura para o diálogo, facilitando a aproximação com todos os funcionários e corpo docente, especialmente após a

realização da avaliação institucional realizada na escola que apontava um relativo distanciamento na relação entre a direção e alguns colegas. Sinto-me completamente incapaz diante de determinadas situações. Preciso recuar para o grupo seguir junto. Uma divisão no grupo que coordeno estagnaria o processo de avanço coletivo.

Um dos pontos onde as divergências submergem é o conselho de classe. O conselho de classe é um momento privilegiadíssimo do processo ensino aprendizagem. “Guarda em si a possibilidade de articular os diversos segmentos da escola e tem por objeto de estudo o processo de ensino, que é o eixo central em torno do qual desenvolve-se o processo de trabalho escolar” (DALBEN, 1995, p.16) Por isso mesmo se apresenta como uma instância contraditória. Debate na essência a vida do aluno dentro de uma organização burocrática amortizadora. Reforça conflitos e gera tensões. Como romper esta estrutura e fazer do conselho de classe um momento de debate e ascensão pedagógica coletiva? Como preparar os professores para este debate? Como ouvir, sem amarras, a fala dos alunos, que a queima roupa dizem exatamente o que pensam? Todo o tipo de problemas aparece nesta instância: registros feitos ou não, instrumentos de avaliação, princípios que sustentam a avaliação feita, objetivo da avaliação, etc. Organização, aporte teórico, acuidade social, profissionalismo são elementos a serem trabalhados permanentemente, de forma contextualizada com a realidade da comunidade escolar. Exigências de um processo de formação contínuo, que valorize a vida e contemporize as demandas sociais, individuais e coletivas. Um desafio por vezes intransponível, mas sempre perseguido.

A escola em que trabalhamos tem problemas e desafios de toda a natureza, desde os mais corriqueiros, como a falta de suprimento de material e de pessoal para o funcionamento das rotinas diárias, até a violência, que passou a integrar o seu cotidiano. Mas acredito que seu problema maior e seu maior desafio têm a ver com a função social que ela exerce, que é a de assegurar a todos a permanência na escola com aquisição de aprendizagens significativas, oportunidades de exercício de cidadania, desenvolvimento de potencialidades de cada um e com o preparo básico para o mundo do trabalho. Neste sentido temos muito a caminhar. Nossa escola ainda exclui um bom número de alunos, sobretudo pela repetência que conduz à evasão e, muito freqüentemente, os que nela permanecem não conseguem aprender coisas relevantes. ...é preciso pensar junto os problemas de acesso e permanência, com sucesso, dos alunos na escola e ajudar a encontrar soluções que venham a favorecer o conjunto deles, que sejam mais adequadas às suas necessidades tão diversas (BARRETO, 2007, p. 02) .

Eis o hiato entre essa reflexão e o senso comum no conselho de classe realizado na escola. Importantes e decisivos momentos de formação devem ser oportunizados aos pais e aos

trabalhadores em educação para que o avanço seja perceptível. Estamos investindo na formação dos docentes, em especial. Os retornos ainda são mais individualizados do que coletivos.

Os 90 anos da Escola, que celebraremos em julho de 2008, vem sendo um forte aliado na consolidação da reconstrução pedagógica pretendida. O resgate histórico, a interação entre pessoas que já passaram pela escola com as que hoje a freqüentam, atividades lúdicas, culturais, políticas e educacionais fomentam os valores que traduzem a filosofia da escola e que buscamos aprofundá-los no cotidiano. Assim, formamos um grupo de ex-alunos, ex-professores e outros, no exercício da docência que estão construindo o Memorial da Escola. Um resgate que não se restringe a uma linear narrativa de fatos cronologicamente distribuídos. Que apresenta movimentos, fatos, situações, registros, atividades, sujeitos. Dedicção, solidariedade, amor e profissionalismo. Uma espiral ascendente da vida escolar. Outro grupo que prepara a festa, o jantar de confraternização. Um terceiro, que prepara a Noite Cultural, o fazer pedagógico através da arte, com a apresentação de alunos dos três turnos da escola. Em reunião definimos o conjunto das ações que farão parte da nossa celebração de vida e educação. Com o CPM e o Conselho Escolar estamos articulando a comunidade na compra da tinta para pintarmos a escola e de material para reparos necessários. Com a comunidade articulada poderemos qualificar o ensino e intervir na realidade local, transformando-a pelo exercício da cidadania. Isso é que estamos muito timidamente construindo – timidamente, porque ainda não é possível sentir o envolvimento dos pais e dos alunos efetivamente na construção curricular.

O currículo é o coração da escola, e numa concepção dinâmica e abrangente é um instrumento de viabilização do direito à educação. Através dele nossa prática educativa pode contribuir com a superação das discriminações, com a diminuição da pobreza e com o desenvolvimento sustentável. O que revela a relação dialógica do direito universal à educação com a função social da escola. Consciente de seus direitos e deveres o aluno torna-se um “participante do mundo” podendo nele interferir e sofrendo as demandas contemporâneas de uma sociedade capitalista (selvagem), no campo profissional, educacional, do lazer e da estética e o exercício consciente da cidadania, com responsabilidade planetária. Para oportunizar a vivência da cidadania, a escola precisa sustentar seu projeto político pedagógico em valores, contribuindo com o senso crítico, criatividade, autonomia e participação dos sujeitos que fazem parte da comunidade escolar. Um grande esforço pedagógico na tentativa de “humanizar a humanidade”.

Conclusão

Caminhar ao encontro da utopia implica na coragem de arriscar-se, de romper com o “aparentemente estável”, gerar conflitos. É preciso ter a consciência que o ritmo do processo não é individual mas, o do coletivo dos sujeitos. Percebo-me, muitas vezes, serpenteando situações, fragmentando, assim, a ação mais ampla, perdendo a chance de unificar esforços na diversidade. O canto em uníssono sai à vozes, nem sempre harmoniosas.

A construção do projeto político pedagógico ainda não está bem definida. O currículo se apresenta mais como programa do que uma ciranda. A formação continuada precisa de um planejamento de médio e longo prazo, definido. A finalidade da escola subjaz o processo de formação. Estamos muito frágeis nesse aspecto, em que pese os avanços já conquistados. Reconheço também a dificuldade do pensar coletivo. As ações fragmentadas e o pragmatismo são características marcantes. A unificação do grupo de professores e funcionários é uma busca constante. Grupos de professores por turno, por nível de atuação ou por afinidade, dentro dos outros grupos constituídos disputavam espaços, assim como funcionários de setores diferentes. Estamos fazendo um grande esforço para planejarmos e agirmos como uma só escola. Um dos sintomas das divisões estava em duas salas de professores. A partir deste ano todos fazem o recreio na mesma sala, em horários diferentes, conforme o nível de ensino em que atuam. Avançamos na integração, mas não o suficiente.

A nossa escola integra um sistema de ensino onde cada instituição “espermeia” contra a burocracia estatal e sua ineficiência, busca sua identidade como resposta à falência do ensino oficial que amplia a inclusão, mas não garante a permanência com qualidade social. A completa ausência da mantenedora - explicável-ideologicamente - na qualificação do processo ensino aprendizagem, no provimento de recursos humanos em tempo hábil, no repasse integral de recursos financeiros, na manutenção da estrutura física que compromete substancialmente a qualidade da escola pública tão aquém das exigências contemporâneas da sociedade. A escola requer cuidados especiais, considerando o permanente questionamento sobre sua real significação nos dias atuais, pois a tarefa de ensinar não mais se restringe a escola.

Marques (1998, p. 11) afirma categoricamente que “a escola pública de nossos dias não pode limitar-se à função de ensinar. Exige-se a função de animação cultural, a função de ocupação dos tempos livres e a função de socialização”. Tal exigência é inversamente

proporcional a estrutura oferecida a escola para desempenhar sua função social, dificultando, inclusive, que ela exerça suas incumbências definidas pela legislação.

O desempenho da escola é constantemente avaliado colocando em cheque a função epistemológica do projeto político pedagógico. A avaliação é intrínseca ao processo de ensino aprendizagem e extremamente necessária a sua qualificação. A aferição externa é uma polêmica que parece perdurar por muito tempo. Questionável, também, é a premiação aos profissionais e a escola que traduzirem “ótimos resultados”. Não acredito ser este um bom mecanismo para garantir qualidade social no processo político pedagógico, melhora na auto-estima e politização dos trabalhadores em educação, sem oportunizar provimento, formação e valorização dos profissionais, estrutura física e material didático-pedagógico.

Um grande desafio que permanece é o de qualificar nosso fazer pedagógico com a aproximação da teoria e da prática e o de buscar reconstruir a rede de apoio em torno da escola.

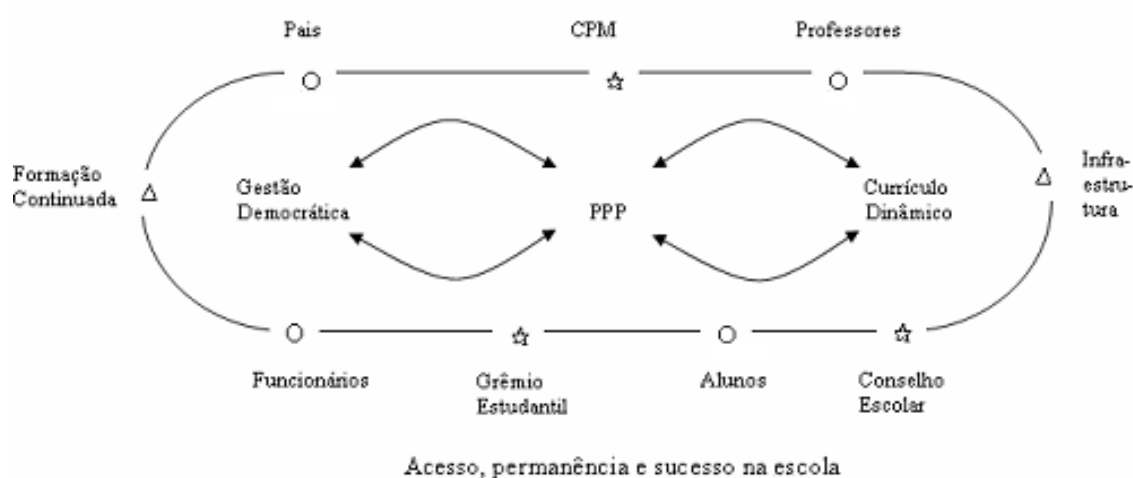
A capacidade de delinear nossa identidade política-pedagógica, enquanto uma comunidade escolar, está indissociavelmente ligada à gestão democrática da escola e na escola. Consequentemente ao papel de seu gestor. “Se quisermos de fato salvar a escola, não podemos nos contentar em administrá-la: precisamos dirigi-la”. (NOGUEIRA, 2002, p.32), lembrando Gramsci. “Dirigir é governar. Governar é conduzir o poder”. Acredito estar horizontalizando o poder na escola. Esta atitude nem sempre é entendida. Chamar as pessoas a tomada coletiva de decisões é entendido por alguns como perda de tempo, pois o assunto não tem relação direta com seu dia-a-dia. Outros interpretam como falta de direção, pois, esperam as tarefas (já definidas) para serem cumpridas. O processo de decisões precisa ser mais ampliado e qualificado para assegurar mais transparência e democracia. Consequentemente, mas comprometimento. A relação com os alunos está retangularizada. A presença dos pais restringe-se ao Conselho Escolar, ao CPM, às mães voluntárias e a um pequeno grupo que está sempre presente na escola. Há que se questionar se a média ou baixa freqüência dos pais está justificada no acúmulo de tarefas que os pais têm hoje (o que não explica a ausência na escola de seu filho) ou se está sedimentada numa “gestão reducionista” ou num discurso “lamuriante” dos professores e da direção?

Praticamente na metade da gestão foi possível registrar e reconhecer marcas da construção coletiva. Maior integração e mais momentos de socialização de acontecimentos e informações. A caminhada pedagógica está sendo alimentada por diferentes iniciativas. Ao analisar a sementeira feita, precisamos, coletivamente, refletir sobre a “semente” e a “preparação

do terreno”, o que fazemos, como fazemos, onde queremos chegar. Um longo processo de formação continuada. A escola mostra-se mais sensível aos anseios da comunidade e busca atender as exigências deles decorrentes. Cora Coralina nos conforta quando diz que: “O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.” Perceber-se como um ser inacabado e pacientemente impaciente caminhar é o conselho deixado pelo querido mestre Paulo Freire difícil de se colocar em prática.

Com humildade, reconheço meus próprios limites de conhecimento e de estratégias mobilizadoras. Estou aprendendo a sonhar com os sujeitos que temos na escola, e com eles dar concretude ao sonho. Acredito na possibilidade de transformar nossa escola numa referência educacional e num espaço coletivo bom de estudar e de trabalhar. É um processo de uma beleza inigualável, uma escola de vida e uma vida na escola.

EDUCAÇÃO COM QUALIDADE SOCIAL



A CIRANDA DA EDUCAÇÃO envolve, abraça e circula. Alimenta seu movimento no fazer pedagógico, ensinando e aprendendo, coletivamente. Construindo conhecimento, vivenciando cidadania e participando da defesa planetária.

Referências Bibliográficas

BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **A participação na escola: contribuições para a melhoria da qualidade da educação.** - Disponível em <http://moodle.mec.gov.br/mdl01>. Acessado em 10 mar. 2007. Material da sala ambiente Orientações da “Escola de Gestores da Educação Básica”.

CURY, Carlos R. Jamil. **O direito à educação: Um campo de atuação do gestor educacional na escola.** Brasília, 2005 (mimeo).

CURY, Carlos R. Jamil. **O Usufruto do Direito à Educação: distintas concepções.** Brasília, Disponível em <http://moodle.mec.gov.br/mdl01/file.php/1/salas/direito/u1.htm>. Acessado em 10 jun. 2007. Material da sala ambiente Fundamentos do Direito à Educação do Curso de Especialização “Escola de Gestores da Educação Básica”.

FESTER, Helenice C. R., **Paulo Freire, em Memória e Verbetes.** São Paulo, 2006 (mimeo).

GADOTTI, Moacir. **Projeto Político-Pedagógico da Escola na Perspectiva de uma Educação para a Cidadania.** In: **Revista de Educação Ciência e Cultura.** VI, 1996.

GANDIN, Luís Armando. Projeto político-pedagógico: construção coletiva do rumo da escola. In: LUCE, Maria Beatriz; MEDEIROS, Isabel Letícia Pedroso. **Gestão Escolar Democrática: concepções e vivências.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. A formação contínua como um dos elementos organizadores do projeto político-pedagógico da escola. Parte 1. In: **Vídeo - Salto para o Futuro.** Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 25 fev.2008

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. A formação contínua como um dos elementos organizadores do projeto político-pedagógico da escola. Parte 2. In: **Vídeo - Salto para o Futuro.** Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 25 fev.2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Vida e trabalho: articulando a formação contínua e o desenvolvimento profissional de professores. Parte 1. In: **Vídeo - Salto para o Futuro.** Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 25 fev.2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Vida e trabalho: articulando a formação contínua e o desenvolvimento profissional de professores. Parte 2. In: **Vídeo - Salto para o Futuro.** Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 25 fev.2008.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Administrar e dirigir: algumas questões sobre a escola, a educação e a cidadania.** In: MACHADO, Lourdes Marcelino e FERREIRA, Naura Syria (org.). **Política e Gestão da Educação: Dois Olhares.** Rio de Janeiro: DP&A Editora,2002.

PORTNER, Cristiano Goergen. **A gestão moderna do Paraíso.** Porto Alegre, 2007. Material disponível na plataforma moodle no curso de especialização “Escola de Gestores” da Educação Básica.

REGIMENTO ESCOLAR. Escola estadual de educação Básica Presidente Roosevelt, 2007.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Perspectivas para a reflexão em torno do projeto político-pedagógico. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves. (org.). **Escola: espaço do projeto político-pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto Político-Pedagógico da Escola**: uma construção coletiva. Campinas, SP: Ed. Papyrus, 1995.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto Político-Pedagógico: novas trilhas para a escola. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; FONSECA, Marília. (org). **As dimensões do Projeto Político-Pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.